Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



ANN SHERIDAN, a «oompis girl», uma das mais lindas artistas de Hollywood, aparecerá esta época ao público português nalguns dos seus melhores filmes.

2.ª SÉRIE — N.º 52 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS FEIRAS — LISBOA, 3 DE NOVEMBRO DE 1941 — PREÇO 1$50





SENSACIONAL!

Um argumento movimentado e vigoroso extraído de um romanesco episódio histórico.



«MAJOR TRENCK»

(Trenck du Pandur)

onde o grande actor **HANS ALBERS** tem uma triplice interpretação formidável.

O cavalheirismo do célebre Regimento Pandur

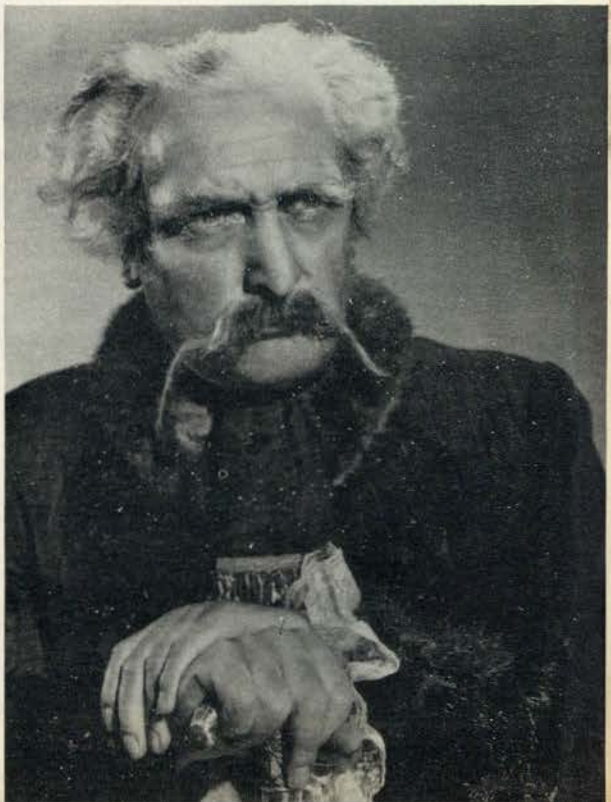
Acção empolgante — Duelos — Montagem luxuosa

Um grande filme da Tobis apresentado brevemente no

GINÁSIO

pela PORTUGAL-FILMES, L.DA





2.ª série / N.º 52 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

3 de Novembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

UMA GREVE nos estúdios de WALT DISNEY

em sinal de protesto contra a insuficiência dos salários pagos aos seus desenhadores

Walt Disney esteve recentemente no Brasil. Foi assistir à estreia de *Fantasia*, que se efectuou no «Pathé», do Rio de Janeiro, em função de gala, a favor da «Cidade das Meninas», meritória obra social, intitulada e patrocinada pela esposa de Gelúlio Vargas.

A Imprensa brasileira deu ao acontecimento o relêvo que se impunha. Walt Disney concedeu entrevista várias e «Fantasia» obteve um êxito assinalado.

« A realização dêste filme só podia ser obra dum poeta ou dum louco. — escreve um crítico fluminense. Dum poeta, pelo lirismo de que se reveste. Dum louco, pelo desastre financeiro que resultaria de tamanha audácia. Depois de se conhecer Disney pessoalmente, é que se percebe a razão de ser de *Fantasia*. É um homem de quarenta anos, cuja imaginação lhe dá o espírito de uma criança que jurou a si própria fundar, na Terra, uma sucursal do Céu».

Registamos o depoimento, porque nos dá um curioso relêvo do criador do pato Donald, aliás em flagrante contradição com alguns factos desenrolados dias antes de ter chegado ao Rio...

Uma guerra de 9 semanas

Não é segrêdo para ninguém que Disney e os seus colaboradores têm andado de candeias às avessas e que o conflito assumiu as proporções duma greve «à americana»... Os últimos jornais de Hollywood, chegados a Lisboa, inserem curiosas reportagens dêsse «diferendum», que se arrastou e arrasta desde 28 de Maio p. p.

A greve, pròpriamente dita, que paralizou, embora de forma parcial, os estúdios de Disney, durou, à justa nove semanas.

A causa do movimento, para nós, que estamos longe do meio da Cinelândia e da organização da indústria americana do filme, não é acessível em tôda a sua extensão. Em poucas palavras pode enunciar-se da seguinte forma: Disney não quis reconhecer a associação de classe do desenhista. Esta foi o rastilho. Por que logo que se suscitou o debate sôbre êste caso, outros surgiram como reinvidicações a atender no futuro. A questão de salários avantajou-se às restantes. Os colaboradores de Disney ganhavam menos do que os pintores de casas. As «girls», essas maravilhosas raparigas de plástica impecável, que são o encanto e o deslumbramento de tantos filmes, não tardaram em erguer o pendão da revolta.

Haveria porventura direito de serem elas, com os seus 16 a 20 dólares semanais, as mais mal pagas profissionais dos estúdios?

«Disney, o ingrato!»

O movimento alastrou. O «Sereen Publicists Guild», que entre nós se poderia chamar o «Grémio dos Reclamistas do Cinema», solidarizou-se com o protesto. Segundo o costume americano, em frente dos cinemas, e nas artérias mais concorridas de Nova-York, os grevistas passearam cartazes ambulantes dando conta do que se passava! Num dêles, o pato Donald chamava a atenção para as palavras que diziam: Disney Artists on Strike, for union recognition» — «Os artistas de Disney estão em greve, para que seja reconhecida a sua associação».

E à medida que as negociações se agravavam, os dísticos subiam de tom: «Walt Disney, unfair»— «Walt Disney, desleal»; «Disney, o ingrato»; «Disney contra os seus mais dedicados colaboradores»!...

Em Agôsto, o Ministério do Trabalho interveio. As outras firmas produtoras, receosas de que o problema dos saláros voltasse a estar em causa, serviram de medianeiras, entre os empregados e o seu patrão. Os desenhadores voltaram ao estúdio, numa situação transitória de «armistício». Disney entretanto foi para o Brasil. À volta, solucionaria o conflito. Fez promessas — e vai cumpri-las, senão as cumpriu já...

Poeta e comerciante

O incidente veio demonstrar mais uma vez, que as realidades são bem diferentes das aparências. Walt Disney — que ganhou 10 milhões de dólares com a «Branca de Neve», como diziam os grevistas, no seu manifesto — paga mal os homens que são os excelentes executores das suas idéias, e que, a acreditarmos nas suas próprias palavras, se devem considerar muitas vezes os inspiradores e criadores dos personagens e cenas, que têm feito a sua fortuna e o seu prestígio. E é tanto mais para surpreender esta greve — que foi sobretudo um protesto contra os salários — quanto é certo que o próprio Disney, durante tantos anos, amarrado a um contrato a longo prazo, fazendo a fortuna de outros, auferindo magros proventos, deve saber como é duro e injusto semelhante procedimento.

Um poeta?! Não! Um comerciante, também! E, o que é pior, um comerciante que já foi empregado e que hoje, ao que parece, não sabe ser patrão, para grangear a estima e a admiração dos seus colaboradores...

F. F.

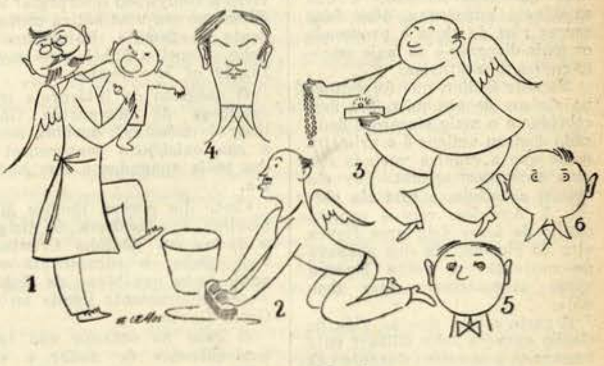
NO PRÓXIMO NÚMERO:

Sensacional entrevista do nosso correspondente especial em Nova York, Bernardo Teixeira, com

MISS AMÉRICA 1941

futura vedeta de cinema

TITULOS ILUSTRADOS



«O Homem Perfeito»

1 — «O Homem Perfeito» para a senhora que tem um marido com o sono pesado e um bébé que berra tôda a noite...

2 — «O Homem Perfeito» para a mulher a dias...

3 — «O Homem Perfeito» para a senhora que viu um colar de pérolas na montra de uma ourivesaria.

4 — «O Homem Perfeito» para a mulher ciumenta que tem um marido que olha para as outras mulheres.

5 — «O Homem Perfeito» para a mulher que tem um marido que ressona tôda a noite.

6 — «O Homem Perfeito» para a mulher que tem um marido que anda sempre a cheirar na cozinha.

GRETA GARBO VAI CASAR?

GAYLORD HAUSER, mestre em dietas, é o indigitado noivo da «divina» — se REMARQUE der licença...



Greta Garbo

Greta Garbo, a grande amorosa da tela, é também uma grande amorosa da vida real. Os seus romances, as grandes paixões que têm marcado a sua existência americana, têm feito correr rios de tinta e provocado os mais dispares e os mais estravagantes comentários.

Mauritz Stiller, que foi grande no cinema do seu país, seu descobridor e o mais sincero e dedicado dos seu amigos é o primeiro nome que a crónica variada dos seus romances aponta. Por ela deixou a Suécia, e com ela chegou à América, com o enorme desejo de fazer dela uma figura alta do cinema, ela que acabava de conjuntar a Velha Europa nessa inesquecível «Rua Sem Sol».

É nesta altura que na vida de Garbo aparece John Gilbert cujo romance, começado durante as filmagens do filme célebre de Clarence Brown, «O Diabo e a Carne», — onde havia alguma das mais ousadas cenas amorosas que o cinema jamais apresentou e que, a acreditar no testemunho dos que a elas assistiram, tinham o calor e o frémito das coisas vividas — se prolongara por largo tempo. Durante meses, anos até, o mútuo encantamento dos dois artistas atinge tal proporção que todos os que com êles privam supõem um casamento inevitável.

Um dia porém, brusca e inexplicàvelmente, Gilbert deixa Greta Garbo e casa-se com Ine Claire, uma actriz da Broadway que viera a Hollywood interpretar um filme que era uma sátira contundente à família Barrymore — John, Lionel e Ethel, «the royal family of Broadway».

O desgôsto da intérprete maravilhosa de Margarida Gauthier é visível. E, durante anos, a sua existência sentimental é das mais apagadas e sem história.

Certo dia porém, Rouben Mamoulian, que acabava de dirigir *a divina* em «Raínha Cristina» vem quebrar o encanto. O seu nome anda nas bôcas de Hollywood, inteiramente ligado ao de Greta Garbo.

O caso no entanto não tem conseqüências de maior e em 1936, terminado o reinado de Mamoulian, sobe ao trono George Brent, que fôra já seu parceiro no filme «O Véu das Ilusões», feito dois anos antes.

Entretanto, em 1937, chega a Hollywood, procedido de grande reputação, o maestro de Philadelfia, Leopoldo Stokowsky. O músico e a atriz travam conhecimento, e um dia um barco acolhedor e complacente trá-los à Europa, a Capri e à baía de Nápoles, romântica e cumplice...

Voltam à Califórnia, onde fazem furor, entre a colónia cinematográfica uns tratados de dietética de que era autor um especialista, Gailord Hauser, que assentara arraiais em Hollywood, na esperança, justificada, de que a colónia cinematográfica era o meio ideal para a aplicação das suas dietas,, cientìficamente estabelecidas e não menos cientìficamente prescritas.

Garbo foi uma das suas clientes mais entusiastas e mais convictas do novo método de manter a linha sem prejudicar a saúde. Entusiasmo foi êsse que das dietas ao amor não foi mais que um passo que, a acreditar nas notícias recentes das agências telegráficas, vai em breve levar os dois amorosos ao altar.

O que não deixa de ser curioso é o facto de muito recentemente «gossip writers» das principais revistas americanas, com a desenvoltura que os caracteriza, se referirem com invulgar insistência e soma de pormenores ao facto de Greta Garbo e o famoso escritor Erich Maria Remarque formarem um dos mais felizes e inseparáveis pares de Hollywood.

Lourenço Marques mete Lisboa num chinelo!

O Director de «Animatógrafo» recebeu há dias uma carta do gerente do «Gil Vicente», a melhor casa de espectáculos de Lourenço Marques. Pareceu-nos interessante transcrever aqui parte das palavras do sr. B. A. Rodrigues — as que se referem à apresentação naquele cinema do «Gone with the wind» e ao famigerado segundo intervalo. Os leitores poderão verificar que África não é tão má como a pintam muitos europeus, até porque não foi, felizmente, contaminada por todos os vícios da Europa, ou pelo menos dêste cantinho da Europa.

Vejam o que escreve o sr. B. A. Rodrigues:

«Por esta mesma mala envio várias fotografias referentes à estreia no nosso teatro do célebre filme de David O. Selznick que arrancou à «Academia de Artes e Ciências» um elevadíssimo número de prémios: «Foi-se com o Vento» — «Gone with the Wind». Coube-nos a nós a honra de ser o primeiro teatro em território português a exibir tal obra prima, e devemos confessar que o seu êxito em Lourenço Marques ultrapassou as mais optimistas previsões, isto apesar da sua apresentação ter sido feita a preços aumentados, aliás como em tôdas as partes do Mundo. «Foi-se com o Vento» é de facto uma maravilha sob todos os seus aspectos. Para o grande público é uma obra empolgante. Para os cinéfilos estudiosos, uma grande lição de cinema. A sua enorme metragem (o filme leva três horas e quarenta e oito minutos a projectar) em nada o prejudica. É tão enorme o seu valor e o seu interêsse que não se sente o seu tempo invulgar de projecção. Um dos nossos receios antes de apresentarmos êste filme era de que o espectador se fatigasse de estar tanto tempo dentro duma sala de espectáculos. Puro engano. Quando o filme acabou houve especta-

(Continua na pág. 13)



A fachada do «Gil Vicente» durante a exibição de «Strike up the band», anunciando a próxima estreia do «Gone with the wind»

PANORÂMICA

PARABENS A «PRIMER PLANO»

Acaba de festejar o seu primeiro aniversário o nosso prezadíssimo colega de Madrid «Primer Plano», de que é director Manuel Augusto García Viñolas. Nascido poucos dias antes de «Animatógrafo», «Primer Plano» vem sustentando na Espanha vizinha e amiga uma campanha idêntica à que é a razão de ser fundamental da nossa revista: pela dignificação do espectáculo cinematográfico e pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento, em bases sólidas, das respectivas cinematografias nacionais.

Para comemorar o seu primeiro ano de vida, «Primer Plano» publicou um esplêndido número especial de 60 páginas, que é um eloqüente documentário da actividade cinematográfica espanhola. De tôda a colaboração queremos destacar um belo artigo do seu correspondente em Lisboa, o nosso camarada Fernando Fragoso: «Panorama do Cinema Português», artigo que «Primer Plano» caprichou em incluir no seu número especial. Ilustram êsse artigo três fotografias: uma expressiva imagem de «Ala, Arriba!», uma bonita pose de Teresa Casal, e um retrato de António Lopes Ribeiro, «jornalista, crítico, destacado cineasta e batalhador incansável».

Daqui felicitamos muito sinceramente «Primer Plano» pelo seu aniversário, pelo seu excelente número comemorativo e pelo brilhantismo com que desempenha a sua missão. E desejamos-lhe todos os triunfos e prosperidades que ambicionamos para o nosso «Animatógrafo», durante êste segundo ano de vida e árduo combate que principia agora «para ambos».

O NOSSO NÚMERO ESPECIAL

Têm aumentado de tal maneira as dificuldades de tôda a ordem, derivadas das circunstâncias anormais em que o Mundo se debate, que chegámos a recear pelo nosso projecto de comemorar o primeiro aniversário de «Animatógrafo» com um número especial condigno. É totalmente impossível avaliar o que representa a publicação, no actual momento, de uma revista cinematográfica semanal, salvo àquelas pessoas que estão em contacto com os sectores respectivos: o do cinema e o das artes gráficas. Pois apesar de todos os obstáculos tivemos a alegria de ver o nosso projecto tornar-se viável, entrar na via que conduz à realidade — e pudemos assim anunciá-lo no nosso último número.

Queremos desde já agradecer a todos quantos nos ajudaram a tornar possível o nosso projecto, compreendendo-o, compreendendo o nosso esfôrço, e dando-nos tôda a sua colaboração e apoio. O facto de nem em tôda a gente termos encontrado a mesma compreensão e idêntica boa-vontade, só aumenta o nosso reconhecimento, para com aqueles que se colocaram ao nosso lado, não se esquecendo de que lhes prestamos serviço servindo os nossos leitores e servindo a causa do Cinema — únicas razões que podem explicar e justificar esta publicação e o nosso esfôrço que dura já há um ano.

NOTÍCIAS COM BARBAS BRANCAS...

Há dias um jornal da tarde publicava, por sinal com certo destaque, um telegrama de uma agência americana anunciando que a Paramount ia produzir um filme cuja acção, em grande parte, se pas-

(Conclui na pág. 13)

Ainda os «mixordeiros»

O nosso último artigo de fundo causou a sensação natural de todos os artigos desassombrados, que põem o preto no branco, sem subterfúgios nem rescovâncias, e que focam assuntos de importância capital. Falou-se no assunto nos Grémios corporativos, nos escritórios dos cinemas, nos dos distribuïdores. Na roda dos cafés, agitou-se o problema, disse-se que o «Animatógrafo» tinha carradas de razão. Tudo isso nos desvanece, nos vem provar que não exageramos, que não tomámos a núvem por Juno, e que, portanto, é nosso dever continuar uma campanha de que só podem beneficiar o público, os distribuïdores, os produtores, o espectáculo cinematográfico —e os próprios exibidores cujo desleixo e inconsciência aqui exprobamos alto e bom som, pois veriam o público acorrer mais numeroso e com maior regularidade, desde que os espectáculos resultassem melhores pela qualidade da projecção das imagens e da reprodução dos sons.

Do que não temos a certeza é dos resultados práticos da nossa campanha. Cheira-nos que, mais uma vez, seremos a voz que clama no deserto. Basta lembrar que, há mais de um ano, o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, levantou a mesma questão, propondo ao Grémio Nacional dos Distribuïdores de Filmes, a criação dum serviço de fiscalização e de reparação dos aparelhos dos cinemas, para que as fitas fôssem exibidas em condições e não fôssem trituradas e inutilizadas por «cronos» desafinados, desde que o próprio Sindicato estava disposto a impedir de trabalhar os projeccionistas manifestamente incompetentes. Foi-nos respondido amàvelmente que não havia verba. E como nós sugeríssemos que o Grémio poderia apelar directamente para os distribuïdores, seus sócios, pedindo-lhe a ridícula contribuïção suplementar que a montagem de tal serviço requeria, a Direcção do Grémio assim o fez. Mas o pedido foi indeferido pelos agremiados e principais interessados, que preferiram continuar a perder dezenas de contos por ano a gastar as centenas de escudos por mês que se lhes propunha.

Infelizmente, no nosso país, as coisas de interêsse geral só podem impor-se à bruta. E nenhum organismo cinematográfico tem autoridade nem poderes suficientes para defender por si só o bem comum.

Não queremos crer, no entanto, que o problema continue sem solução, ou que, pelo menos, se não façam as diligências necessárias para o solucionar. Essa solução depende de dois organismos oficiais: o Instituto Nacional do Trabalho e a Inspecção dos Espectáculos. O I. N. T. P. pode dar aos Grémios a fôrça suficiente para impor aos seus agremiados uma assistência técnica semelhante à que, por exemplo, o Automóvel Clube de Portugal presta aos seus sócios. Isso pode fazer-se de acôrdo com os representantes das diferentes marcas de aparelhos e com a fiscalização da Inspecção dos Espectáculos. A esta, tal como reclama condições de segurança para o público, incumbiria exigir também boa qualidade na apresentação do espectáculo.

Somos os primeiros a reconhecer que a muitos cinemas da povíncia é impossível exigir despesas que às suas lotações e tabelas não comportam. Mas pode-se-lhe exigir cuidado e competência, desde que se lhes forneçam os elementos de assistência técnica necessários. Não são tantos os cinemas que uma vistoria periódica não pudesse ser feita com assiduïdade e regularidade.

Essa vistoria impõe-se por si mesma, pelos benefícios imediatos que traria ao espectáculo e ao público por conseqüência ao negócio cinematográfico. Atenuar-se-ia assim a acção nefasta dos «mixordeiros do celuloide», dos empresários sem escrupulos nem dignidade profissional, que passam fitas de qualquer maneira, e se queixam depois de que «aquilo não dá nada». E evitava-se à indústria cinematográfica nacional o véxame de ver as suas laboriosas obras, fruto de tantos carinhos e canseiras, assassinadas por «cronos» do tempo da Maria Castanha, arcos voltaicos furta-côres, lâmpadas que arremedam lamparinas e «leitores» de som... analfabetos.

Porque há exibidores que levam a desfaçatez e a ignorância a ponto de escrever às firmas distribuïdoras queixando-se da «péssima sonorização» (sic) de filmes portugueses, cujo registo de som é indiscutivelmente bom.

Pronto! Cá estão os precipitados e os imbecis, com um sorrisinho néscio, a fazerem uma das suas preguntas de algibeira: — Então porque é que êles se não queixam também dos filmes estrangèiros, uma vez que êles passam nos mesmos aparelhos?...

Pela simples razão que não entendem patavina nem curam de entender, tanto êles como o público, a língua que nêles se fala. Porque os seus ouvidos são absolutamente estranhos à música das falas estrangeiras. Porque os espectadores, entretidos com a leitura das legendas, querem lá bem saber se a algaraviada que lhes serve de ruído de fundo é bem ou mal articulada pelos intérpretes ou pelo alto-falante.

Isto é tanto assim que em Portugal inteiro vivem milhares de pessoas muito convencidas de que os americanos falam todos pelo nariz, quando afinal de contas quem fala pelo nariz são os aparelhos que lhes mostram os únicos americanos que êles viram e ouviram nos dias da sua vida, e que são os artistas de cinema, muitos dos quais (aqui para nós, que ninguém nos ouve) são ingleses da gema.

Mas o nosso país há-de ser sempre, benza-o Deus, uma terra de gente esperta como um alho, que sabe muito — mas que anda a pé.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Uma produção distribuída por «FILMES CASTELO LOPES»

ARIZONA

JEAN ARTHUR na sua maior criação / Uma rapariga simples arrosta com galhardia a vida rude e perigosa dos primeiros desbravadores do continente

WESLEY RUGGLES dirige êste romance palpitante, que tem por cenário uma época pitoresca, evocada com todo o rigor histórico

A reconstituïção da cidade de Tucson em 1860 • Milhares de figurantes recrutados entre peles vermelhas e mexicanos • A luta emocionante entre a cavalaria da União e os guerreiros apaches

A Oeste, entre o México e a Califórnia, vizinho de Nevada, Utah e Colorado, dado ao pacífico amanho dos campos, fica o estado do Arizona. Aqui se afrontaram três raças.

Há oitenta anos as suas fronteiras eram imprecisas. A audácia não conhecia limites, nem mesmo territoriais. Os mexicanos faziam incursões devastadoras. Os indomáveis índios apaches defendiam pertinazmente os seus lares, o seu gado. E os «rostos pálidos» escreviam com a carabina e a enxada uma epopeia onde cabe tôda a grandeza e a miséria do homem.

O clima do nascente estado do Arizona não podia deixar de ser rude. Além da lei do mais forte havia uma outra, quási ignorada, porque quem a ditava estava longe.

As caravanas percorriam, os caminhos debaixo de fortes escoltas e abrigavam-se nas pequenas cidades constituídas em fortalezas, com pequenas guarnições de soldados da União.

Em heróicas galopadas, Texas Jack andou por estas paragens...

JÁ então Tucson existia, embora desse o nome apenas a umas oitenta casas espalhadas por meia dúzia de arruamentos.

À sua sombra trabalhava-se a terra; o direito da propriedade ensaiava os primeiros passos.

Depois que morrera o pai e se vira necessitado de viver à custa de magras moedas que lhe rendia um pequeno negócio, o grande sonho de Phoebe Titus (Jean Arthur) era possuir uma grande fazenda, com muitas cabeças de gado.

A destemida Phoebe era a única mulher branca de Tucson, mas em contacto permanente com os instintos primários dos habitantes, a sua alma feminina ganhou uma coragem verdadeiramente viril que tudo e todos continha em respeito.

PETER Muncie (William Holden), um jovem viajante que atravessava Tucson a caminho da Califórnia, foi o primeiro homem que soube falar ao seu coração. Mas o idílio tornou-se numa recordação que o tempo ia tornando mais vago e mais sedutora. Ela ainda o quizera prender, oferecendo-lhe o lugar de guia numa emprêsa de transportes que fizera em sociedade com Solomon Warner (Paul Harvey), mas o Peter fugira-lhe.

E agora, tomando nas suas mãos as rédeas de seis ou oito cavalos, a própria Phoebe guiava os grandes carros cobertos, enfrentando os perigos do caminho, de chicote em punho e botas de montar.

Mêdo só tinha das saüdades que lhe vinham às vezes do jovem Peter Muncie.

AQUÊLE negócio podia ser o princípio da realização do seu sonho de possuir um prado ridente, se não fôsse a desleal concorrência dum carregador rival, Lazarus Ward (Porter Hall), que se achava mancomunado com Jefferson Carteret (Warren William), um bandido com aspecto de gente de bem, em quem ela desprevenida confiava.

Os dois contavam com a cumplicidade de Mano (Frank Hill), o temido chefe apache, para os ataques que faziam aos carros pertencentes à emprêsa de Phoebe, cujos negócios apesar de tudo prosperavam.

Mas a guerra civil veio lançar negras perspectivas.

NA luta do Norte contra o Sul, Tucson tomou o partido do Norte. A pequena guarnição partiu para onde a guerra andava mais acesa, e a cidade ficou desprotegida, entregue a todos os perigos que a rodeavam. Um dia é ocupada por fôrças sudistas, o que motiva a retirada de grande parte da população. Mas Phoebe fica, agarrada à terra e ao seu sonho. Na sua boa fé conta não só com o apoio do sócio Solomon Warner, como também com a amizade do pérfido Carteret.

... ...

Mas as tropas da União voltam de novo a Tucson. Peter vem com elas, garboso sargento.

O romance de Phoebe continua...

Phoebe, a rapariga destemida, corajosa que Jean Arthur tão bem interpreta continua a viver a sua vida.

Jean Arthur, considerada já há muito tempo uma grande actriz, atingiu a culminância.



JEAN ARTHUR a protagonista de ARIZONA

ARIZONA

é uma homenagem do cinema americano aos pioneiros dos Estados Unidos

Um filme da COLUMBIA que custou 50.000 contos



ROBERT CUMMINGS

Um simpático galã que vimos, ainda não há muito tempo, em «O Diabo e a Menina» da R. K. O. e que em breve veremos em alguns filmes da Warner Bros.


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões. Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA.

Os "secundários..." de primeira ordem

Edna May Oliver

Edna May Oliver é a primeira actriz que figura nesta galeria em que *Animatógrafo* presta homenagem aos esplêndidos artista classificados de «secundários» mas que freqüentemente possuem mais talento, mais valor e mais interêsse do que muitas vedetas bafejadas pela popularidade. Escolhemos Edna May Oliver para inaugurar a representação feminina nesta página, com autêntica premeditação, por nos parecer que a sua personalidade, tão singularmente expressiva, «acerta» à maravilha com a nossa intenção e pode, assim, contribuir para a tornar bem compreendida.

Edna May Oliver nasceu a 9 de Novembro de 1800 e tal, há cêrca de 60 anos, em Nova-York ou em Boston (os seus biógrafos, como é de regra, divergem quanto a êsse pormenor). Anos depois, já espigadita, fêz-se notar no côro da igreja paroquial pela sua voz bem timbrada. A família resolveu então que estava ali uma futura cantora de ópera. Começou a estudar, fez projectos de uma viagem de aperfeiçoamento a Itália mas, pouco depois, dificuldades financeiras da família desfizeram todos êsses castelos no ar — felizmente para ela, provàvelmente, porque talvez nunca tivesse conseguido nos domínios do bel-canto a posição proeminente que alcançou no palco e na tela.

Edna escolheu então a carreira teatral com a sensação amarga de quem desce de cavalo para burro. Os seus estudos e a sua voz indicaram-na para interpretar comédias musicais — e assim aconteceu de entrada. Começou a ser conhecida nas cidades da província, até que um empresário de Nova-York a levou para um teatro da Broadway.

A sorte foi então vária para Edna, mas acabou por se fixar no «bom tempo fixo» quando deixou as comédias e principiou a interpretar dramas. Por fim, a sua creação de Parthenia Hawks, a terrível viuva do Show Boat *de Edna Ferber, tornou-a célebre, tornou-a numa das comediantes favoritas do público neoyorquino. Iam volvidos quási vinte anos desde a sua estreia no teatro.*

O cinema, claro está, não a podia ignorar durante muito tempo e por isso Edna May Oliver depressa foi «aspirada» pela ventosa de Hollywood. Os seus primeiros filmes não lhe deram qualquer possibilidade de brilhar; essa oportunidade só chegou com Cimarron, *o famoso filme de Wesley Ruggles que nunca veio a Portugal.*

Depois disso nunca mais Edna May Oliver passou desapercebida. As suas interpretações foram sempre subindo em interêsse e importância, desde então: em «A Caravana» (The Conquerors, *uma «Cavalgada» americana), em «Alice no País das Fadas», em «As Quatro Irmãs», no qual fazia «a tia March» como decerto ainda se lembram.*

A sua personalidade afirmava-se de filme para filme — e ao mesmo tempo tornavam-se populares no Mundo inteiro a sua figura esgalgada e ossuda, o seu carão comprido, os seus olhos penetrantes e inteligentes, a sua bôca rasgada e voluntariosa, o seu andar másculo, os seus modos bruscos, a sua voz pessoalíssima, o seu admirável sentido do humour.

Em «Basta de Mulheres» (No more ladies), *no «Romeu e Julieta», no «Irlanda em Fogo»* (Parnell), *fêz-se notar, como sempre. Mas foi na interpretação de duas personagens de Dickens que Edna May Oliver pôde mostrar tôdas as suas extraordinárias possibilidades. No «David Copperfield» encarnava* a matar *Miss Betsy Trotwood, a extravagante e explosiva solteirona, com «pancada na bola» e um génio de todos os diabos. Creio que nunca esquecerei o seu ataque contra os burros, em que Edna era verdadeiramente épica! Em «Duas Cidades» coube-lhe o papel de Miss Boss, a que ela deu também o maior relêvo. A sua cena de pancadaria, no final, com a megera jacobina, pertence também ao número das coisas que não esquecem.*

Todos os seus outros filmes lhe serviram para firmar o seu invulgar talento de comediante — pois nada do que Edna faz é indiferente. Assim aconteceu em «Hotel das Surpresas» (a versão americana do filme francês «Se eu fôsse o patrão», com Fernand Gravey e Max Dearly), em «Rosalie», em «A Raínha da Alegria» ao lado de Shirley Temple (Little Miss Broadway), *em «Rapsódia de Prata», em «O Bailado da Saüdade». Duas das suas últimas interpretações, porém, se avantajam às que teve em todos êstes filmes.*

Em «Ouvem-se tambores ao longe», o formidável filme de John Ford, Edna May Oliver tinha uma criação impressionante: uma rude camponesa do Vale do Mohwak valente como um homem, rija e decidida como um soldado queimado pela pólvora de cem batalhas. Os seus modos agrestes, a sua serenidade perante as provações, as suas atitudes pitorescas, a revelação da sua ternura de mulher, do seu bom coração escondido debaixo da sua aparência rude — tudo contribuiu para que essa figura adquirisse um «volume», um relêvo extraordinário. Que actriz poderia fazer, como ela fêz, aquela cena em que, agarrada à sua cama, afrontava vários índios, e teimava depois em não abandonar a sua casa já em chamas, a ponto de ser necessário transportar o leito, para salvar aquela tremenda mulher, impávida e indignada?

Em «Orgulho e Preconceito» Edna May Oliver teve outra estupenda criação — mas completamente diversa de que acabei de lembrar. Em lugar de nos aparecer na pele de uma camponesa rude e vigorosa, surgia-nos aristocràticamente empenachada como um cavalo de cortezias, pretenciosa e superior. Como ela conseguia essa fenomenal composição da velha lady *autoritária e caricata! As suas «entradas» espectaculosas, a forma como «dirigia» o serão familiar, a sua impertinência e a sua ironia feroz — valiam um poema!*

Edna May Oliver tem o segrêdo dessas personagens truculentas, dessas figuras cheias de carácter e de humanidade. Sabe ser ridícula como ninguém, tirando do seu físico impressionante todo o partido possível. E sabe ser comovente, estranhamente comovente, quando é preciso. Poucas comediantes haverá tão completas com tantas possibilidades, com tanto carácter, com tanta personalidade.

Espantosa actriz — da mais rara, da mais pura essência — Edna May Oliver é, quanto a mim, uma das mais valiosas artistas do cinema americano.

D. M.



Edna May Oliver, tal como aparecia na «lady» rebarbativa e pretenciosa de «Orgulho e Preconceito»

As capas e o retrato-brinde de

Animatógrafo

são executados em foto-lito da FOTO-GRAVURA NACIONAL e a impressão em off-set é da LITOGRAFIA NACIONAL

Morreu Victor Schertzinger

Victor Schertzinger, o realizador de tantos filmes, que marcou um lugar de especial destaque no campo dos filmes de ambiente musical, tornando-se uma das mais brilhantes e respeitadas figuras do cinema americano no sector particular da produção de películas em que a parte musical ocupava especial importância e tinha decisivo significado, morreu em Hollywood.

Nascido em Mahaway City em 1899 Schertzinger, que era um músico distintíssimo, violinista de grande categoria, a par de compositor de grande inspiração fez durante muitos anos parte de orquestras sinfónicas, tendo também dirigido orquestras de vários teatros. Foi através da música que êle tomou contacto com o cinema, quando êste, saindo das incertezas e das irresponsabilidades dos primeiros tempos, encontrava, mercê do esfôrço de alguns homens de talento e de boa vontade, o estilo próprio e especial duma arte que nascia. De facto Schertzinger, ao escrever em 1916, propositadamente, o acompanhamento musical de «Civilization», libelo contra a guerra, dêsse grande pioneiro e figura enorme de artista que foi Thomas Harper Ince, entrava deliberadamente no mundo do filme, ficando o seu nome ligado à história do cinema como um dos primeiros músicos que escreveram uma partitura para um filme.

Victor Schertzinger nunca mais abandonou o cinema, continuando a escrever o «score» musical de outros filmes da época, até que em 1921 dirige pela primeira vez um filme — «O Garoto da Flandres», com Jackie Coogan, o petiz fenómeno que Chaplin, dois anos antes, descobrira no famoso «The Kid».

Em 1925 entra para a Paramount onde realiza vários filmes com as principais vedetas daquela casa nessa época, como Richard Dix e Esther Ralston, Clive Brook e Florence Vidor.

São dêsse tempo «Caras Esquecidas», «O Pele Vermelha», «A Roda da Vida», etc.

É também Schertzinger que tem a honra de dirigir o primeiro filme falado daquela emprêsa, «The Laughing Lady», de que seria depois feita uma versão em português, e com artistas idos de Lisboa, nos estúdios franceses daquela casa em Joinville, com o título de «A Mulher que Ri».

Depois, o seu nome atinge extraordinária notoriedade quando escreve a música de «Parada do Amor», que em tão grande escala contribuiu para o êxito estrondoso dêsse filme de Lubitsch de 1929, que veio revolucionar então, a técnica do filme musical.

Entretanto, a sua actividade de realizador corre paralelamente à de compositor de música ligeira, popularizada através do disco.

Em 1935 realiza para a Columbia a celebrada «Noite de Amor», porventura o mais representativo de todos os seus filmes, e a cujo género imprime directrizes novas e ousadas para a época, ao mesmo tempo que revela uma cantora excepcional — Grace Moore. «Noite de Glória» é outro filme em que a sua personalidade e o seu estilo se encontram bem presentes.

«Kiss the Boys Goodbye», interpretado por Mary Martin, aquela jovem provinciana que pôs Nova York, e a América inteira, a seus pés cantando a canção «My Heart Belongs to Daddy», foi o último trabalho cinematográfico de Victor Schertzinger, um homem que prestou ao cinema valiosa colaboração.



O último retrato de Victor Schertzinger

AS DISTINTAS PERSONALIDADES DE PRESTON STURGES



Preston Sturges conversa com Barbara Stanwick e Henry Fonda durante um intervalo da filmagem de «As três noites de Eva»

Geralmente, os autores dos argumentos dos filmes perdem-se entre os dez ou vinte nomes das primeiras legendas. Para o público e para o encarregado de lançar um filme, apenas interessam as «vedetas». O próprio realizador só raras vezes aparece nos reclamos dos jornais diários. Mas o defeito não é só nosso. Há muito tempo que recebo, com uma regularidade de mecanismo de relógio, fotos da América. Pois nunca me lembra de ter recebido fotografias dum autor qualquer. Minto! Recordo-me agora que, apenas, a Fox, há um bom par de anos, divulgou através de algumas boas fotos o nome de Preston Sturges, autor do argumento dêsse admirável filme, «O Poder e a Glória». E lembro-me, também, de que achei, então, justíssima a resolução porque um dos principais motivos de triunfo dessa obra, verdadeiramente notável, autêntica obra-prima, residia justamente no seu argumento, humaníssimo, inteligente, original, forte, novo. Desde então, o nome de Preston Sturges chamou a minha atenção. Nós, habitantes de um mundo com características bem diferentes, sonhamos com os Estados Unidos das avenidas gigantescas onde milhões de «klaxons» humilham as nossas tristes businas e nos fazem duvidar de que Lisboa seja a cidade mais barulhenta. Saindo dêsse cenário, imaginamos a industrialização fantástica da sua vida com as fábricas de onde, até, as pessoas saem iguais, nessa pavorosa estandardização que é uma das suas glórias. E sabemos, da existência de seus filhos sòmente quando êles morrem. Justamente, o contrário das nossas cidades — onde o nascimento, o baptisado e o matrimónio são acontecimentos destinados a serem amplamente divulgados, objectos de maduras reflexões. Da vida americana conhecemos pouco. Da sua aristocracia, sòmente ouvimos falar dos soberanos do algodão ou dos «reis» do sumo de laranja. E, para nós, os grande intelectuais vivem absorvidos pelos grandes «trusts», escrevendo para um público determinado de antemão, amoldando o talento às exigências do grupo financeiro que dirige comercialmente a inteligência.

Ora isto é uma injustiça. E se não quizessemos estar com exemplos bastar-nos-ia o cinema para provar o contrário. Foram os americanos que elevaram essa arte ao nível das artes eternas, que nela encontraram formas admiráveis de «arte dramática» — de forma de expressão, meio de traduzir qualquer coisa que paira sôbre os homens, ou, por outras palavras, dentro dos homens. Foram os americanos que, como ninguém, dividiram em dois grupos os filmes: os humanos e os imaginativos. Os primeiros meteram-nos dentro de um espartilho de lógica, fazendo com que a intriga, geralmente sóbria e simples, deslise serenamente sem necessidade de vôos de imaginação exterior. O conflito resulta do choque de almas, de paixões, de desejos, de personalidades. Assiste-se à vida de sombras humanas e a vida é o que a gente sabe: um correr fatigado dos mesmos episódios banais, apertos de mão, bons-dias, boas-noites, «como está você, está bem?», ciúmes, jantares, almoços, cóleras inúteis, berros, sorrisos, vaidades...

Quanto aos filmes imaginativos, pensaram — e muito bem! — que quanto menos lógica melhor. Lógica, para quê? Regras, para quê? Convenções, para quê? O que é preciso é ter imaginação — e mais nada! Desarticular o mais possível. Transformar. Voltar do avêsso. Tecer imprevistos. Ligar absurdos. Dar de comer a quem tiver fome de sonho.

Já pensava, assim, quando surgiu a minha admiração por Preston Sturges. Já, então, estava convencido de que na América há grandes escritores como também há poetas que sabem rimar, coisa posta em dúvida por muita gente depois que morreram o soturno Poe e o tristonho Whitman. Os seus intelectuais são, decerto, um pouco diferentes dadaqueles que conhecemos mais de perto. Pelo menos, não ganham a glória com a tuberculose ou o suicídio. Morrem aos oitenta ou noventa anos com pneumonias — doença que geralmente só ataca os organismos resistentes...

Todavia, o seu «espírito dramático», que compreende o sentido humanista ou a pura imaginação, é grande. Preston Sturges é prova eloqüente disso. O conteúdo de «O Poder e a Glória» é colhido, singelamente, na agitação do cotidiano. Ficou-me sempre o travo amargo da sua ironia amarga, da sua poesia que não intoxicava, da sua maneira tão pessoal como semeava e despertava emoções, aligeirava a atmosfera social do filme, criava motivos de simpatia ou de bondade humana para aquêle que «morrera» e sôbre cuja biografia saltitava sem respeito pela ordem cronológica dos factos. Êsse filme não era mais do que a vida de um homem contada pelo seu amigo mais íntimo. Na narrativa estava o sabor de originalidade. Nascia de uma conversa para rebater afirmações, para repor os factos no seu devido pé. E a vida de Thomas Gardner perpassava assim diante dos nossos olhos, por étapas. que permitiam reconstituir a curva evolutiva da sua existência, levando-nos a compreender que, assim como a vida não tem fórmulas, assim o cinema não as tem para erguer ou arruïnar a vida. O cinema só conhece uma lei: traduzir, viver a vida, com a flagrância e a espontaneidade da vida. Essas características, porém, que eu encontrára em «O Poder e a Glória» não as consegui descortinar nos recentes trabalhos de Preston Sturges no seu novo aspecto de director cinematográfico. Isto não quere dizer que os seus filmes (que já tive a oportunidade de ver) não sejam obras que mereçam atenção. Tanto «O tirano da cidade» — o famoso «*The Great Mac Ginty*» — como «As três noites de Eva» têm motivos de interêsse para

(Conclui na página 13)



Sturges e «Stany» — o deminuitivo de Barbara Stanwick — num animado «match» de luta livre! Que dirá o Robert Taylor?

Segunda-feira **Animatógrafo** 10 de Novembro
publicará um magnífico NÚMERO ESPECIAL, comemorativo do seu 1.º Aniversário, com muitas páginas a côres
RESERVE-O JÁ NO SEU VENDEDOR HABITUAL

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

«PARIS CALLING», da UNIVERSAL

é o primeiro filme americano da grande actriz europeia

ELISABETH BERGNER



Elisabeth Bergner

Elizabeth Bergner é hoje uma das maiores figuras do teatro contemporâneo, porventura mesmo, com as americanas Helen Hayes e Katherine Cornell, o mais extraordinário temperamento de artista que na actualidade pisa o palco. Discípula dilecta de Reinhardt, intérprete insuperável de «Santa Joana» de Shaw, de «Miss Julie» de Strindberg, de «Strange Interlude» de Eugene O'Neill; protagonista magistral do teatro Shakespeareano, considerada mesme hoje a maior intérprete do teatro do mestre de Stratford on Avon, Elizabeth Bergner quando há três anos visitou pela primeira vez os Estados Unidos, o êxito que alcançou no Theatre Guild de Nova York foi um acontecimento excepcional, de enorme repercussão, como já o tinha sido em Zurich, em Viena, em Berlim e em Londres.

Mas Elizabeth Bergner não é sòmente uma actriz de teatro. O cinema, por mais duma vez, desde êsse inolvidável e maravilhoso «Violinista de Florença» que os cinéfilos de 1928 por certo ainda não esqueceram, tem tido a colaboração excepcional daquela actriz. Ainda há duas épocas ela nos deu em «A Vida duma outra» tôda a medida do seu enormíssimo talento ao interpretar um duplo papel — o de duas irmãs de carácter e de psicologia completamente opostas — que ela vivia de forma notável o que era para o espectador um raro prazer vê-la representar.

Ora Elizabeth Bergner, que nunca trabalhara nos estúdios americanos, encontra-se há alguns meses na Califórnia, momentâneamente afastada do palco e dos estúdios do seu país — ela é desde há alguns anos subdita de Sua Majestade Britânica — onde tem decorrido grande parte da sua carreira.

E como era impossível Hollywood deixar inactiva uma figura da sua categoria, logo se abriram para ela, de par em par, as portas dos estúdios.

A Universal foi a emprêsa que a contratou e para quem interpretou o seu primeiro filme americano. Intitula-se êle «Paris Callin4 e a sua acção, de intenso aspecto dramático e de flagrante actulidade decorre na capital da França depois dos acontecimentos de Junho de 40. Pela primeira vez na sua carreira cinematográfica Elizabeth Bergner não foi dirigida por seu marido, o realizador Paul Czinner, mas por Edwin L. Marin, sob supervisão de Benjamin Glazer.

Participam no filme, que tem fotografia de Milton Krasner, Randolph Scott, Lee J. Cobb, a brilhante característica que é Gale Sondergaard, o conhecido Edward Ciannelli, e Charles Arnt, Otto Reichow, William Edmands, Ken Nolan, Paul Bryan, Grace Lennard e Marcia Ralston.

Brian Donlevy e Claire Trevor são os intérpretes do filme da COLUMBIA «THE EAGLE SCREAMS»

Brian Donlevy, um nome que o público português ainda não decorou embora o tivesse visto já em variados filmes, como «Aliança de Aço», «Jesse James» e «Cidade Turbulenta» — é êle também o célebre Sargento Lejaune de «Beau Geste» na nova versão do filme famoso, que o Pôrto presentemente exibe — tem hoje, sobretudo depois da sua interpretação em «The Great Mac Ginty» um filme de «gangsters» e de políticos venais em que Preston Sturges conseguiu mostrar aspectos novos num assunto estafado, uma enorme categoria, tendo-o aquele filme guindado à situação da grande vedeta.

Para a Columbia, que obteve da Paramount, a quem está ligada por contrato, a sua cedência, vai interpretar um novo filme que se intitula «The Eagle Screams» e em que terá como «leading-lady» essa artista notável que é Claire Trevor.

Em «A Águia Berra», Donlevy vive a figura dum «gangster» que depois de certa conversa com um banqueiro resolve comprar um banco e transferir para êsse novo campo o seu «racket» na persuasão de que é mais cómodo e de menos risco que o contrabando e outros negócios mais ou menos escuros e de resultados mais perigosos e menos vantajosos.

SIMONE SIMON interpreta com VICTOR MAC LAGLEN e EDMUND LOWE o filme da RKO

«The Marines Are Ready»

Quando foi apresentado «The Devil and Daniel Webster» o último filme de William Dieterle, que é uma obra que sai fora dos moldes da produção corrente pelo significado especial do seu argumento e pela forma como o antigo actor alemão o realizou, livre de preocupações comerciais pois foi êle o seu próprio produtor, tôda a crítica foi unânime em louvar o trabalho de Simone Simon nesse seu primeiro filme americano depois da antipática campanha contra êle movida pela sua secretária. O papel de Simone sem ser o primeiro do filme — era Anne Shirley a vedeta da película — adquiriu com a sua bela interpretação um relêvo muito especial; de tal forma que Dieterle o ampliou propositadamente, pois o carácter da personagem quadrava-se optimamente com seu temperamento e à sua feição de actriz.

Pois agora a adorável intérprete de «Lago das Damas», como prémio do seu trabalho naquele filme cujo título definitivo ficou sendo «Here Is a Man», assinou com a RKO um contrato para aparecer, como figura de principal importância, no novo filme de Victor Mac Laglen e Edmund Lowe «The Marines are Ready».

Um aspecto da guerra sino-japonesa é o assunto do filme «Burma Convoy»

O conflito sino-japonês, que tem dado margem a Hollywood para a realização de vários filmes, está de novo na ordem do dia num filme que a Universal tem em realização nos seus estúdios.

Desta vez é a tão falada estrada da Birmânia, o mais recente pomo de discórdia entre o Celeste Império e o do Sol Nascente, importantíssima via de penetração de material de guerra de que a China necessita para a sua campanha.

O filme, que o realizador Noel M. Smith dirige, intitula-se «Burma Convoy» e o seu argumento conta as peripécias mais ou menos arriscadas do trajecto aventuroso dum dêsses combóios, formados por centenas de camions que a certa altura do seu curso se vê descoberto e atacado pela aviação japonesa.

Interpretam o filme, que foi tirado duma história original de Stanley Rubin e Roy Chanslor, Charles Bickford, a nova actriz Evelyn Ankers, Keye Luke, bem conhecido da primeira série de filmes de Charlie Chan, Frank Albertson, que foi no início do sonoro vedeta conhecida, e Cecil Kellaway.

«FLASHES»

● *SHARON Lynne, uma garotinha de um ano, depois de ter aparecido em «Broadway Limited», de Hal Roach, «West Point Widow, da Paramount, terminou para a Producers Releasing Corp o seu grandioso filme «Reg' lar Fellers.*

● *PRODUTOR David Selznick assinou um contrato com Kay T Stevens, jovem e simpática filha do realizador Sam Wood, que tem aparecido já com freqüência no teatro, devendo interpretar um dos principais papéis do próximo filme do célebre «producer».*

● *NO FILME «A Yankee in the R. A. F.», da Fox assiste-se à cerimónia do casamento de Tyrone Power com Betty Grable, como manda o argumento. Fica sendo êste, portanto o décimo quarto casamento cinematográfico do simpático marido de Annabella.*

● *NORMAN Mac Leod, o conhecido realizador, é o autor dum método de aprender a ler que vai ser editado pela casa Charles Beek de Filadelfia. O livro intitula-se Norman Mc Leod's A, B, C,'s.*

● *A RECEITA alcançada só no continente americano pelo filme de Chaplin «The Great Dictator» atinge três milhões e quatrocentos mil dólares. «A Quimera do Oiro», a obra de Chaplin de maior êxito até ao «Ditador», fez, em igualdade de circunstâncias, dois milhões e oitocentos mil dólares.*

● *MAX Nosseck, nome bem conhecido entre nós, vendeu à Metro Goldwyn Mayer o seu argumento escrito de colaboração com Hans Kafka «Steal Mc That Show».*

A FEIRA DAS FITAS

«O Mundo a seus pés»

(Citizen Kane)

Um filme curioso e estranho, êste «Citizen Kane» que se estreou no meio da mais vibrante ansiedade cinéfila.

Um *caso* curioso, mas que nada tem de estranho, para quem conheça bem a história da cinematografia, êste Orson Welles, que resolveu deslumbrar o mundo aí por alturas dos seus vinte e dois anos, e que só conseguiu deslumbrar os Estados Unidos da América do Norte com as suas audácias revolucionárias.

O público — costuma dizer-se — é uma criança. Supomos que tal asserção é hoje em dia apenas verdadeira para o público dos E. U. A. O público europeu, calejado de lutas, enervado de guerras e de revoluções, subtilizado pela sua própria decadência, com o rabo pelado das mais loucas e tristes experiências, envelheceu no tédio e na desilusão. Não está portanto já naquele estado de graça infantil que o fez aceitar, em dada altura, todos os *ismos* atrevidos, na arte, na literatura e na política. Encanecido e sabido, propende agora para a solidez e sobriedade das linhas, do estilo e das doutrinas clássicas. E no «limiar da Idade Nova», para me servir duma frase feliz, enquanto forja na fornalha da guerra desumana a humanidade de amanhã, e prepara, com a infalibilidade das leis histórico-sociais, o novo Renascimento, o público europeu recusa-se a aceitar tôdas as teorias ou obras inquietantes que não estejam inteiramente de acôrdo com a sua presente inquietação.

O último público europeu que conserva algumas características da Europa *habitual*, pelo milagre de paz ordeira em que um chefe e uma Disciplina têm sabido mantê-lo, é, sem dúvida, o público português. E coube ao público português julgar em primeira mão, de entre todos os públicos do velho continente, êsse produto tìpicamente americano que é o primeiro filme de Orson Welles.

Não diremos que êle seja o mais bem preparado para tal. A sua incultura geral é, por assim dizer, específica; não timbra pela tolerância, nem pela maleabilidade; a ductilidade também não figura no rol das suas prendas; tem gostos pesados e definidos, e dêles não arreda nem por um decreto.

É assim, o nosso público. Mas dentro dêle agitam-se, como bacilos num xarope, meia-dúzia de entusiastas des-sincronizados. Os seus entusiasmos aplicam-se anacrònicamente a coisas já fora de moda, mas que êles imaginam ser *up-to-date*, a última palavra da excentricidade internacional. Julgam-se e intitulam-se modernistas — e a sua modernidade já lá vai há uns quinze ou vinte anos para trás. Esquecem-se — ou ignoram — que Marinetti já é presidente de academia e que Picasso já foi director de museu. E aos trinta anos veneram ídolos de cinqüenta, muito convencidos que êles representam os anceios mais jovens da sua geração...

Verifica-se assim um fenómeno de estagnação no que foi ultra-moderno mas que hoje tem um ressaibo romântico e sediço. Porque não há dúvida nenhuma que, em 1941, o estilo «sapato à papo-sêco» é tão insuportável como o estilo «bota de elástico».

Isto vem a propósito de «O Mundo a seus pés» apenas no que se refere à atitude do nosso público perante êle e não pretende caluniar a própria obra. Pois queremos sòmente dizer na nossa que não está certo nem a reprovação carrancuda, nem a exaltação desmedida, que o filme provocou nos dois sectores que definimos.

«O Mundo a seu pés» é o resultado da interferência de duas megalomanias: a do protagonista do entrecho, que Orson Welles descreve e interpreta com notáveis imaginação e segurança, e a do próprio Orson Welles, autor-produtor - realizador - intérprete do filme. Daí resulta que o filme é um documento importantíssimo, espécie de auto-retrato da América do Norte, e como tal merece ser visto, revisto e meditado.

Quanto á obra cinematográfica pròpriamente dita, isso é outra cantiga. Depois das lições dum King Vidor, dum Howard Hawks, dum Lubitsch, dum William Wyler, as extravagâncias estilísticas dum Orson Welles reconduzem-nos à fase caligaresca, que teve o seu momento e a sua utilidade, mas que já não traz novidade nem ensinamentos úteis. Quando muito, pode entreter-nos com os seus pontos de vista originais, com os seus ângulos exquisitos, com os seus achados de seqüência, mas só da mesma forma que nos entretem o folhear de uma velha enciclopédia muito bem feita para o seu tempo.

A própria forma de contar já não é nova. Aquela jiga-joga de trás para diante e de diante para trás, no tempo e no espaço, a eliminação sistemática da narrativa directa, por ordem cronológica, já nós vimos em «O Poder e a Glória» de William K. Howard e, mais recentemente, na «Rapariga da Gola Branca», de Sam Wood.

Até mesmo outro homem de teatro europeu (porque Orson Welles é, acima de tudo, um homem de teatro) já adoptou o processo, e por sistema:

Sacha Guitry, que assim dispôs a planificação das «Pérolas da Coroa» e do «Romance dum Aventureiro» e do «Remontons les Champs Elisées», ainda inédito em Portugal.

Orson, como Sacha, como a maior parte dos homens de teatro, são seduzidos no cinema pelos dois elementos que mais lhes faltam na sua arte habitual: o documentário e os malabarismos do aparelho. E assim, usam com frenesi do plano mudo acompanhado a locução, do «travelling», do «plongée» e do «contre-plongée». É claro que não raras vezes são felizes. E Orson Welles fez com que Gregg Toland, o mestre-operador, tomasse alguns dos seus *planos* mais impressionantes. O que não quere dizer que, pessoalmente, não preferimos o seu trabalho no «Monte dos Vendavais» ou na «Última Fronteira», pela sóbria exactidão das tomadas-de-vistas.

Orson, como Sacha, trouxe para o cinema a sua aparatosa teatralidade. «O Mundo a seus pés» deve ter endoidecido decoradores e aderecistas. E não deixa de haver grandeza em todo aquêle bric-à-brac, parente próximo da «Cabiria» e das encenações grandiloqüentes de Cecil B. de Mille, isto é: do cinema ao serviço do Châtelet. Daquela massa nasceram os atentados do «Film d'Art» e o gôsto pelo excessivo que caracterizou a época das «super-produções». Mas quanto maior não é Orson Welles como realizador, como *cineasta*, na preciosa «Marcha do Tempo» com que abre o seu filme, na cena da cabana, sob a neve, que lhe sucede imediatamente, e naquela pândega na redacção, tratada como o eram sempre as orgias na Rússia tzarista pelos realizadores alemães de 1928, mas que é de excelente quilate cinematográfico

Porque a dificuldade está em distinguir, nestes filmes feitos «para cinéfilo ver», o que é Cinema do bom, da escola de Mèliès, de Chaplin, de Griffith e de Stroheim (cujo aparato não era *nunca* teatral), e Cinema de pe-

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«ESTRÊLA DO RIO» (Portugal Filmes)
— A beleza de LA JANA, bailarina espanhola que desempenha o papel principal.
— A boa composição da seqüência de abertura do filme.

«BATALHÃO DE PARAQUEDISTAS» (RKO-Rádio Filmes)
— A descida em conjunto dos paraquedistas.
— O valor documentário do filme.

«ESQUECER, NUNCA!» (Sif)
— A interpretação de CLAUDE RAINS.

«O HOMEM PERFEITO» (Sif)
— O «gag» da valsa no combate de box.
— A interpretação de HUGH HERBERT pela sua exuberante fantasia.
— O trabalho do realizador (MICHAEL CURTIZ) e autores (NORMAN REILLY, LAWRENCE RILLEY, GREWSTER MORSE, FRITZ FALKENSTEIN).

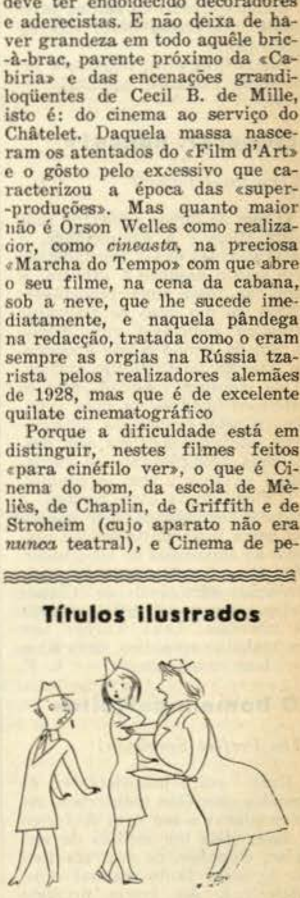
«O HOMEM QUE PROCURA A VERDADE» (Filmes Castelo Lopes)
— O argumento de PIERRE WOLF.
— As interpretações de RAIMU (Vernet) e JEAN MERCANTON (Fernando).

«O MUNDO A SEUS PÉS» (RKO-Radio Filmes)
— O indiscutível talento e a personalidade audaciosa de ORSON WELLES, autor, produtor, realizador e intérprete do filme.
— O trabalho dos decoradores e dos aderecistas.
— Os efeitos sonoros.
— O nível da interpretação.

«O PAI TIRANO» (S. P. A. C.)
— Por ter atingido a 7.ª Senama de exibição, no Eden Teatro.

«ORDINÁRIO, MARCHE!» (Filmes Alcântara)
— LOU COSTELLO pela sua comicidade e personalidade.
— As canções «Boogie Woogie Bugle Boy» e «You're a Lucky Fellow, Mr. Smith» de HUGHIE PRINCE e DON RAYE interpretadas pelas IRMÃS ANDREWS.

Títulos ilustrados



Ordinário!... Marche!

A FEIRA DAS FITAS

xisbeque que só ilude críticos da mesma marca.

Dum nível muito alto, por reunir actores de teatro habituados a contracenar na mesma companhia (a própria companhia de Orson Welles) é a interpretação do «O Mundo a seus pés». Só para ver representar bem e para ver um homem de talento, com 26 anos apenas, (o que lhe desculpa o cabotinismo) brincar habilidosamente com as possibilidades da cinematografia, vale a pena — ah! mas vale muito a pena — ir ver, rever e meditar «O Mundo a seus pés».

A. L. R.

«Batalhão de paraquedistas»

(Parachute Battalion)

Eis um grande e excelente filme documentário duma das mais recentes modalidades da guerra: — os paraquedistas.

Com grande soma de pormenores são-nos descritas as primeiras lições, os ensaios e as experiências até à prova final dos jovens americanos que se alistam naquela arma.

Há lindas imagens e uma impressionante descida de dezenas de paraquedistas.

Robert Preston, Nancy Kelly, Edmund O'Brien, Budy Ebsen e Richard Cromwell são os principais intérpretes dêste interessante filme.

Leslie Goodwins, realizou o filme com bastante equilíbrio. — J. M.

«Esquecer, nunca!»

(They wont forget)

O que se impõe acima de tudo neste filme é a simplicidade, a naturalidade quási jornalística, com que o assunto é exposto. É como se fôsse uma reportagem vivida de um caso de flagrante injustiça judiciária num estado do Sul da União Norte-Americana. Isso dá ao filme um ambiente de vigorosa realidade com os habituais quadros da vida «yankee» e seus conhecidos personagens desde os políticos com desmedidas ambições até os jornalistas levianos e sem escrúpulos.

O filme acaba como começa: o mistério mantém-se sem nenhuma outra pista ou indicação propícia às suposições do espectador. Mas fica-nos na mente a representação admirável de Claude Rains, num papel difícil e cheio de interêsse. Lana Turner tem um trabalho episódico. Otto Kruker, bem como sempre. — A. F.

«O homem perfeito»

(The Perfect Specimen)

Uma avó, proprietária de grandes emprêsas industriais, resolve educar o seu neto de forma a fazer dêle um modêlo de virtudes, de saber, de destreza física, de valor tanto manual como intelectual. Ao jovem prodígio são ministradas dentro dum horário rigoroso, inflexìvelmente cumprido, noções de tôdas as actividades humanas. Todos os empregados, do secretário particular aos criados de quarto, as próprias coisas, como os relógios, que não podem atrazar-se, os próprios animais, como os galos que são degolados quando não cantam a hora certa, tudo, dentro da quinta onde o prodígio está a educar, tem que trabalhar com perfeito método e matemático rigor. Um dia neste paraíso hipotético surge uma Eva tentadora a contar maravilhas do mundo da outra gruta... da imperfeita. E o «homem maravilha» foge. O resto são os episódios necessários para êle se convencer que a vida cá fora é melhor, que gosta da Eva tentadora e que deve impor a sua vontade àquela máquina de que o fizeram simples engrenagem.

A história tem, como se compreende, originalidade e oferece bons pretextos para satirizar usos, costumes e ideias. Tudo isso lá está bem aproveitado por Michael Curtiz que foi o realizador, pelos autores e pelos actores. Podia surgir uma acusação: que as personagens são já muito vistas, a avó igual a tantas outras avós de mau génio e «bom fundo», o secretário particular igual a tantos outros secretários esquecidos e timoratos. A verdade, porém, é que «O Homem Perfeito» é apresentado em Portugal com quatro anos de «handicap» e muitas coisas desta fita que nos parecem iguais a outras fitas, são antes originalidades, depois repetidas noutros filmes que, pelas sortes da distribuïção vimos primeiro. Aliás, o valor de «O Homem Perfeito» pode avaliar-se bem pela capacidade de resistência que a fita revela, apresentando-se sem deixar sentir quatro anos, que, em cinema, são já uma bonita idade.

Além da segurança da direcção de Michael Curtiz é o elenco que contribui grandemente para o interêsse da película. Errol Flynn (Gerald Wicks) e Joan Blondell (Mona Carter) desempenham os protagonistas com a segurança e a «normalidade» das ingénuas e galãs americanos. Maë Robson (a Avó) e Edward Everett Horton (o secretário) uma enérgica outro timorato, uma a rainha do método e da pontualidade, outro o rei das distracções e complicações, actuam com o habitual agrado.

Hugh Herbert no poeta Killigren Shawe merece ser apontado especialmente pela fantasia e riqueza cómica que deu à sua rábula, feita só para justificar algumas situações e enriquecida pela interpretação. Referência especial merece ainda, pela sua novidade e espírito crítico, o «gag» do combate de box transformado em valsa. — F. G.

«O homem que procura a verdade»

(L'Homme qui cherche la vérité)

Pierre Wolf, o argumentista teve uma ideia genial ao conceber a história dêste filme. A história do homem que é enganado e recorre a qualquer ardil para obter a confirmação das suas suspeitas, é um assunto ingrato e que já foi abordado por mais do que uma vez, por vários argumentistas. Mas Pierre Wolf. teve a habilidade de descobrir um meio, o mais natural e lógico que é possível, para solucionar o problema do sr. Vernet (Raimu).

A realização de Pierre Wolf sem grandes preocupações técnicas é aceitável e condiz com o ar simples e discreto da história.

Raimu — o incomparável Raimu anima com talento a personalidade trágica do sr. Vernet. Jean Mercanton, notável, está-se tornando conhecido do público português. Jacqueline Delubac, Tramel, Jean Téssier e outros são intérpretes de «O Homem que procura a Verdade». — J. M.

«Ordinário, marche!»

(Buck Privates)

Esta comédia da Universal, dizia-se, apresentava-nos um novo par de cómicos, Bud Abbott e Lou Costello. Afinal, o par de cómicos resumia-se a um só cómico porque Bud Abbott não tem nem deve pretender muito ter graça, mas ninguém fica a perder porque Lou Costello tem graça e por êle e por muitos mais. Com efeito, o novo cómico atinge em cheio o alvo para que atiram todos os cómicos: fazer rir. Consegue, ainda, dentro dum género aparentemente visto e esgotado, a vitória de arranjar um estilo novo e movimentado embora distante da melhor linha clássica do cómico, do cómico de Harold e de Pamplinas. Lou Costello faz uma mistura natural ou estudada de processos cómicos. Bebe, evidentemente, na fonte inesgotável do disparate e do gesto desastrado. Refila e barafusta como o pato Donald e resmunga como Popeye, o marinheiro.

Com isto tudo ao serviço de bons «gags» arranca francas gargalhadas em várias cenas das quais não podemos deixar de salientar a do primeiro exercício de manejo de arma, verdadeiramente irresistível.

Outra atracção do filme são as irmãs Andrews que cantam e animam com a sua presença e a sua experiência de artistas de music-hall e rádio, quatro canções, duas das quais de bom recorte «You're a Lencky fellow, M. Smith» e «Boogie Woogie Bugle Boy» de que Patty canta a parte solo notàvelmente.

Lee Bowman, Man Curtis, Nat Pendleton e Jane Trezee intervém discretamente no desempenho das restantes personagens da história feita só para dar pretextos a Lou Costello, de nos mostrar as suas habilidades.

Assunto pseudo-militar é curioso observarmos a ligeireza (iamos a escrever profundamente superficial) com que os americanos tratam a mobilização, o recrutamento, a instrução e as manobras do exército que nos são apresentadas como um jôgo, inventadas e desenvolvidas ingènuamente. Os «conflitos» são os habituais «chapões» das circunstâncias: o rapaz rico que acaba por gostar da tropa e perder a sua arrogância senhoril para se render à alegria da camaradagem; o pai general que obriga o filho a servir; a rapariga que ajuda o mau a reabilitar-se e o sargento que dá constantes descomposturas na «vítima» que é, Lou Costello evidentemente. — F. G.

«Estrêla do Rio»

(L'Étoile de Rio)

Vê-se nìtidamente que a história foi inventada para exibir a linda mulher que faz a protagonista do filme: a bailarina espanhola La Jana. Não parece, porém, que a imaginação do argumentista estivesse em momento de inspiração ao inventar a intriga, que tem lances assás artificiais, e ao escolher o ambiente. De facto, a origem espanhola da intérprete nunca permite a sugestão da nacionalidade atribuída à heroína: a brasileira. O carácter brasileiro é, aliás, também atraiçoado pela encenação, que sugere uma atmosfera argentino-cubana em lugar da carioca que era lícito esperar. Têm porém certo interêsse alguns aspectos da actividade de um sindicato de diamantes de Amesterdão.

A realização de Karl Anton é correcta e fluente, merecendo referência especial a abertura do filme, bem movimentada e composta.

A dobragem em francês prejudica, quanto a mim, o poder de convicção da película, como sempre se verificou nas anteriores aplicações dêsse processo.

La Jana, mulher formosíssima e bailarina de recursos, faz muito satisfatòriamente a protagonista. Nos outros papéis alguns actores alemães de categoria que não têm, no entanto, oportunidade de para mostrar o que valem, como Gustav Diesel, Fritz Kampers, Paul Otto, Harald Paulsen e Harry Hardt. — D. M.

LEITORES
não se esqueçam:
Animatógrafo
prepara a 3.ª festa do Clube que se realizará brevemente no
PALACIO DAS EXPOSIÇOES
do
Parque Eduardo VII com um programa sensacional

PRESTON STURGES

(Conclusão da pág. central)

todos os bons cinéfilos. Preston aparece-nos revestido de nova personalidade — mestre na velha arte de crear situações comprometedoras para as resolver com um «gag» ou um truque inesperado. A pirueta oportuna, a ocorrência engenhosa que dá aso a fazer-se aquilo que parecia impossível, a «saída» daquele que pretende livar-se de um perigo, a aparição e a desaparição de objectos e pessoas no momento em que faziam mais falta ou quando menos interessavam que saíssem — são os condimentos essenciais do seu novo processo de trabalho a avaliar pelo último daqueles filmes.

O espírito norte-americano, frívolo e positivista, em tudo soube crear a fita cómica no ponto justo em que assenta a sua finalidade: distrair, fazer passar «um bocado», descongestionar o espírito de todo o sedimento que acumulamos ao passar pelas múltiplas actividades da vida. Pois Preston Sturges manobra com admirável talento êsse verdadeiro património dos americanos em que há indubitàvelmente uma fôrça creadora.

AUGUSTO FRAGA

COLABORAÇÃO DOS NOVOS

COMO O «PAR INVISÍVEL» VIU «O PAI TIRANO»

Ao soar as nove badaladas no Carmo, o «Par Invisível» abandona a mesa do café, dirigindo-se para o Eden-Teatro, onde, com bilhetinhos comprados há quinze dias ia assistir, não sem receio, diga-se já, à estreia do «Pai Tirano».

A multidão era compacta, e nós, a custo, conseguimos abrir caminho entre as filas de povo, o qual, segundo o velho costume português e para não fugir ao hábito, discutia as habilidades dêste, as qualidades daquele, o talento do realizador, a beleza da Tatão, etc. Alguns diziam, até, que o filme não prestava...

Ficámos admirados. A estreia teria sido na quinta-feira? Mas não, que idéia! Pois se não havia ainda meia hora, que tínhamos lido no jornal, que a «première», do filme era naquela noite!

Por fim, respiramos; tínhamos conseguido entrar e agora, ansiosos, só aguardavamos, que o toque duma campaínha constipada desse início ao tão desejado espectáculo.

Entretanto e enquanto fumavamos um cigarro, fomos fazendo os nossos vaticínios: Que tal seria o «Pai Tirano»? Bom? Mau? Não o sabíamos. Todavia estávamos confiados em Lopes Ribeiro e nos seus profundos conhecimentos cinematográficos.

Iamos continuar, quando a campaínha retiniu; num pulo eis-nos nos nossos lugares.

As luzes foram-se extinguindo pouco a pouco, até que no «écran» apareceram umas legendas acompanhadas por um corridinho. Que seria aquilo? Iríamos ver um novo filme de saloios? Não, era simplesmente um bom documentário, uma coisa bem diferente dos antigos 100 metros com que dantes os cinemas começavam os espectáculos.

Obcecados como estávamos com o filme de fundo, pouca atenção prestámos aos complementos. Contudo rimos a bom rir com as aventuras de Pluto.

Chegou o intervalo, e enquanto, na tela corriam filmes de propaganda, deliberámos sair, para aspirar o fumo de mais um cigarro.

Cá fora, observamos que todos aqueles cavalheiros, que estavam em franca cavaqueira, tinham cara de juiz severo que iria julgar «O Pai Tirano».

Até aquela altura, todos se encontravam satisfeitos. Vamos a ver se, no final, se mostram como agora — comentámos.

Ia começar a exibição da primeira produção de António Lopes Ribeiro.

O ambiente da sala transformou-se ràpidamente.

Os senhores barrigudos e aqueles que não o eram, e que no intervalos nos pareceram severos juízes, eram, agora, fervorosos entusiastas que se riam a bandeiras despregadas.

O filme era simplesmente uma encantadora comédia, que fazia rir continuamente, atingindo o seu apogeu quando o Chico acompanha pela primeira vez a Tatão, e depois naquêle emocionante «sprint» para a ir esperar.

Mas, eis senão quando, surge no «écran» uma celebérrima palavra, ponto de tanta discussão: Intervalo.

Ficámos surpreendidos. Teria Lopes Ribeiro abdicado, ou teria sido inútil todo o esfôrço despendido nessa campanha contra o 2.° Intervalo?

A segunda parte é talvez um pouco mais lenta do que a primeira, mas a-pesar disso os «gags» sucedem-se.

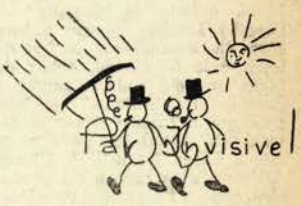
Há cenas que são dum cómico irresistível, como a do bufete, a do solar e a atrapalhação do «ponto» durante a representação do primeiro acto.

Enfim, são tantas em todo o filme, que se torna impossível descrevê-las.

No diálogo reside a maior complexidade de idéias que jamais vimos; um diálogo novo e sem calão.

«O Pai Tirano» é para nós, incontestàvelmente, o melhor filme nacional. Poderá ter deficiências no sonoro e por vezes na fotografia, mas temos a creditar-lhe um argumento novo e português, que se não baseia em romances do século passado. É uma comédia que conseguiu o seu fim: fazer rir. Mas rir a valer, e não sorrir apenas, como em algumas boas comédias americanas com que o nosso público tanto se deleita.

Acabou o espectáculo, e nós, saímos convencidos, — que o Cinema Nacional progride...



LOURENÇO MARQUES mete LISBOA num chinelo

(Conclusão da pág. 4)

dores que nos disseram que ainda estavam à espera de mais! «Gone with the Wind» teve em Lourenço Marques esta virtude: de trazer ao cinema uma certa camada de pessoas que só em casos muito excepcionais saem de casa para se divertir. «Gone with the Wind», foi, de facto, entre nós, o maior êxito cinematográfico de todos os tempos, mas por Deus, quando o apresentarem em Portugal não cometam a barbaridade de o exibirem com mais de um intervalo! Só há tempos ao ler um dos números do «Animatógrafo» (o que se referia à estreia de «Rebecca» no «S. Luiz» com a assistência da Vivien Leigh) é que soube que em Portugal se adoptava o critério de 2 intervalos em cada espectáculo, pois quando em 1924 passei por Lisboa de regresso dos meus estudos, de Londres, parece-me que tal se não fazia, visto de nada me lembrar. Não está certo que se assassinem assim os filmes e creio que Portugal deve ser o único país onde se segue tal critério. Por exemplo, aqui nas «Áfricas selvagens» é-se mais civilizado neste capítulo. Complementos até ao intervalo e depois, seguido, sem interrupção alguma, o filme de fundo. É claro que há excepções, quando o filme de fundo é de metragem invulgar e só se faz acompanhar de um ou dois complementos. Mas em todos os casos, o intervalo é só um. «Foi-se com o Vento» divide-se em duas partes completamente distintas (no fim da primeira parte o filme até traz já um letreiro com a palavra INTERVALO para não haver confusão) e se a sua exibição fôr interrompida em qualquer outra altura, prejudicará bastante o valor da narrativa. Não posso deixar de lhe dar os meus parabens à sua campanha contra os 2 intervalos e oxalá ela frutifique. E só o que me admira é que o público tolere tal norma!

Não só o «Gone with the Wind» foi já exibido em Lourenço Marques. Muitos outros filmes de categoria, que Lisboa ainda não viu, foram já apresentados na capital de Moçambique, como «Boom Town», «Strike up the band», «Comrade X», etc.

E todos êles foram exibidos sem intervalo, como é próprio de terra civilizada. Os cinéfilos lisboetas bem podem morder-se de inveja com a sorte dos cinéfilos laurentinos!

PANORÂMICA

(Conclusão da pág. 5)

saria na nossa capital. Segundo o tal telegrama, o título dêsse filme é... «Uma noite em Lisboa»!

Como os nossos leitores sabem, graças às informações que regularmente publicamos, essa produção foi concluída já há meses e foi estreada nos Estados Unidos há muitas semanas. Puderam até-já ler nas nossas colunas, muitos números atrás, os comentários que êsse filme sugeriu ao nosso correspondente em Nova-York, Bernardo Teixeira. Quere dizer: o tal telegrama vem atrazado um ano, pelo menos... O caso poderá causar estranheza a tôda a gente menos a nós. Pois não é corrente lermos nas secções cinematográficas de certos jornais portugueses notícias sôbre a «próxima» realização de filmes já estreados em Portugal?!

Verifica-se agora que lá também más fadas há, pois o tal telegrama foi distribuído aos jornais por uma agência americana, e aparecia datado de Nova-York... A não ser que essa origem seja postiça, isto é, que o tal telegrama tivesse sido fabricado em... Lisboa — o que estaria longe de ser inédito.

Assim vai o Mundo, leitor amigo!

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1284 — POLLY. — Aquela tua pregunta «não achas que é engraçada a idéia de partir para uma lua de mel, antes de casar» deixou-me embaraçadíssimo. O próprio Mickey Rooney, ficaria embatucado. Só depois, percebi que te referias ao argumento de *A Sorte Grande*, o filme da Ginger, e a pregunta passou a ser inocentíssima. De facto a idéia que servia de base ao argumento do filme era um achado!

— O filme *Um homem do Ribatejo* afogou-se, nas últimas cheias... Paz à sua alma, se é que um filme alma tem...

1285 — BENJAMINA. — Respondo àquela carta que me escreveste, sôbre o joelho, algures na montanha. O «sôbre o joelho» aqui, não tem sentido figurado, claro. As tuas cartas, a despeito da sua admirável espontaneidade, dão-me sempre a sensação dum carro com travões bem afinados... De vez em quando, pedal a fundo... — Com que então dizes que já me viste?! «impossible»! Sou absolutamente fluídico, protoplásmico, como o fantasma do «Topper»... De pessoas com a convicção de que me conhecem, está o meu «correio» cheio... — Transmiti, oportunamente, o teu cartão. — Espero que já tenhas regressado ao cinema, se bem que o verão só haja começado a 1 de Outubro... Pois olha que já começaram os bons filmes: *Edison*, *O Mundo a seus pés*, os primeiros rebuçados da temporada. — O «sol» quando nasce é para todos. Mas lembra-te de que para o veres, lá no alto da serra, tinhas que te levantar cêdo, e olhar para o nascente...

1286 — JESSE JAMES (Santarém).—Não tens que pedir desculpa pelo facto da carta vir escrita à máquina. Eu, se pudesse, dava uma, de presente, a cada leitor (sobretudo, às leitoras!) para mais facilidade de compreensão das respectivas cartas. Lembro-me de que *Donald* me fez dores de cabeça com a sua letra, quási indecifrável! Ela, que é um modêlo de simpatia! — Dorothy Lamour, porque o bom gôsto não desapareceu da face de teora, é ou foi casada. Achas, de facto, que ela poderia correr o risco de ficar solteira?! — Não creio que o Tyrone Power se divorcie da Annabella, para casar com a Linda Darnell. A United Artists é uma companhia produtora, como a Paramount ou a Fox. — Por vezes, os realizadores e produtores são funcionários duma emprêsa, mas também há os chamados «independentes».

1287 — AMO UMA PITINHA (Lisboa).—A despeito da tua explicação, continuo a achar o pseudónimo, cem por cento criticável... — Jean Sabin apareceu esta temporada pelo menos em *Foi uma mulher que o perdeu* (Le jour se lève). — Michelle Morgan está na América. Ignoro se veremos, esta temporada, algum filme dela. — Não creio que vejamos produções da Viviane Romance.

1288 — REY... SEM TRONO (Lisboa). — *As viagens de Gulliver* não têm o interêsse de qualquer filme de Disney. — A maioria das pessoas prefere *Branca de Neve* a *Pinnocchio*. Eu prefiro o primeiro, também, não só por ser o «primeiro» como ainda pela história e pelo «trouvaille» dos sete anões, como a sua personalidade perfeitamente definida. Reconheço, no entanto, que *Pinnocchio*, tècnicamente, lhe é superior. — Ray Bolgar apareceu em *O grande Ziegfeld*, e *Rosalie*. Vamos vê-lo em *Tom, Dick and Harry*, ao lado de Ginger Gogers.

1289 — MICKEY ROONETE (Aveiro). — O Tom Kelly não é nada à Nancy Kelly, pela mesma razão que o Royal-Cine não é parente do São Luiz-Cine... — De todos os filmes da Deanna Durbin prefiro *Cem Homens e uma rapariga*. De Mickey Rooney, talvez opte por *De Braço Dado*. —Clark Gable teve em *São Francisco* um dos seus melhores papéis.

1290 — NITRO-GLICERINA (Santarém). — Entre os dois pseudónimos que sujeitas à minha esclarecida opinião, *Nitro-Glicerina* ou *Sulfato de Amónio*, prefiro o primeiro. No momento actual, pelo menos, sempre vale mais... — *Pôrto de Abrigo* é, fora de dúvida, um dos piores filmes portugueses. — O que digo do casamento da Deanna? Que fez «êle» muito bem. Eu, se pudesse, também casava com ela, mesmo com a promessa ou o risco de ela se divorciar, de mim, dias depois... Enquanto o divórcio vai e vem, folgam os noivos...

1291 — MÁGICO OCIDENTAL (Leiria). — Não sei como te apetece ainda ser «oriental», numa altura destas. Olha que aquilo, por lá, nem para «mágicos» está acolhedor... — A vedeta da *Maldição da Índia* a que te referes é a Brenda Joyce. — O primeiro nome do protagonista de *Meu filho e meu rival* é Luis! Luis Hayward. — A tua reclamação quanto às separatas deverá ser dirigida à Administração da nossa revista. — Êste simpático leitor saúda, em geral, todos os consulentes desta secção.

1292 — CLEO (Lisboa). — Ramon Novarro anda não sei bem por onde. Talvez esteja nalguma praia deserta do Atlântico ou do Pacífico, sôbre um penhasco, batido pelo vento agreste, a buscar no infinito aqueles tempos em que era o primeiro galã da tela e corria, num circo romano, na quadriga de Apollo... Não posso, portanto, indicar-te a morada respectiva... — No entanto, talvez arranjes, em qualquer capelista manhosa dos bairros excêntricos, embora amarelecido pelo tempo, um postal com a rara efígie do ex-galã mexicano... Cleo!? Porque te não interessas pelos «vivos»?!

1293 — ZORRO. — O teu pseudónimo?! O que me parece?!... Quási uma «capicúa»! Só lhe falta o *Z* terminal... — Viviane Romance está em França. Ignoro, porém, o seu paradeiro. — Clark Gable nasceu em 1 de Fevereiro de 1901. Viu a luz do dia em Cadiz (Ohio).

1294 — ZÉ FERNANDES (Alcabideche). — Tenho na minha frente a tua carta, semi-escrita a tinta e acabada a lápis... Seria um protesto da «permanente»? Detesto o lápis, nas cartas, porque permite apagar aquilo que primeiro atirâmos para o papel... — As tuas proezas de Sherlock Holmes deixaram-me perplexo... *Zé Fernandes* amigo: não estás no segrêdo! — Como vai o cinema, aí por Alcabideche?! Manda-me dizer coisas, pois as tuas cartas, ultimamente, falam-me de tudo, menos de cinema. E a esta secção não pode ser, como tu gostarias, sòmente *A Loja da Esquina, de Bel-Tenebroso*.

1295 — FLOR TROPICAL (Lisboa). — Achei piada à invocação da tua carta: «Paciência viva!» Palavra que me têm chamado muitos nomes, mas êsse ainda não!... — Muito engraçado o que me contas em relação ao Laurence Olivier e à Vivien Leigh. Porque lhe não foste falar, se estiveste, lado a lado, com êles no S. Luiz, e êles repararam em ti?! A Judy Garland com quem dizes ser parecida, não teria hesitado, por certo!

1296 — MENINA PONTA. — Desta vez, sim, chegou a «Pôrto de Abrigo»... Gostei muito de ler o artigo que me enviaste. O filme de Gance foi pôsto de parte. — A investigação levou-me ao convencimento do que o primeiro artigo foi possìvelmente parar a outras mãos. Mas como não tenho a certeza, prefiro reservar a opinião. *Afinal o mundo não é belo*, «Menina Tonta». E estas coisas entristecem... — Graciosa a anecdota, recortada dum jornal parisiense. De facto, a França deve dedicar-se à agricultura, sim, mas cultivando trevo de 4 folhas, que dá sorte... Por mim, sempre que oiço o disco do regresso à terra, tenho a sensação de que, mandam aquêle espantoso País, cavar batatas, como se não tivesse outro préstimo. Deixemos, porém, a política aos outros. E falemos de filmes, que a Época presente promete.

1297 — DONANFER. — Não dispomos agora de espaço, para a página dos «Passatempos» que sugeres. Um dia será!... — Jean Harlow sucumbiu, ao que parece, a uma afecção renal. Ignoro se em Broadway há 300 cinemas. No entanto, posso dizer-te que essa artéria, célebre no mundo inteiro, é célebre pelas casas de espectáculos, que se alinham dos dois lados da rua. — Sonhar com a Anna Sothern não me parece condenável. E ela se soubesse, ficaria por certo lisongeada...

1298 — UM ESTUDANTE QUE NUNCA AMOU. — O *Grande Ditador* não será exibido em Portugal. Pela simples razão de que as nossas leis proíbem, em absoluto, as críticas, sátiras ou caricaturas dos chefes de Estado estrangeiros. pela minha parte, acho muito bem essa disposição, seja qual fôr o chefe de Estado visado. — Êste leitor gostaria muito de trocar correspondência com *Duas aviadoras*.

1299 — UMA ADMIRADORA DE GRAÇA MARIA (Pôrto). — Podes solicitar a foto de Graça Maria, pedindo-a directamente, à nossa gentilíssima estrelinha. Endereça a carta para o «Animatógrafo», que se encarregará de a transmitir. Não necessitas de enviar dinheiro.

1300 — DEANNA DURBIN'S FAN (Coimbra). — Discordo inteiramente do que me dizes! Então não achaste superior a interpretação de Garbo, em *Ninotchka?* Parece impossível! Nessa ocasião, por certo, não estavas nos teus dias felizes! — Êste leitor saúda *Rey... sem trono* e cumprimenta *Ninette*, *Cinderella*, *Scarlet* e *Fotogénica*.

1301 — UMA APAIXONADA DE ROBERT STACK. — Se o Robert Stack se apaixonou pela Mary Beth Hughes, lá tem as suas razões... Ela não é tão feia, como tu supões.

1302 — CANUPE (Lisboa). — Gostei de ler as apreciações dos filmes que viste. Dum modo geral, estão certas. — Mary Beth Hughes tem aparecido, em vários filmes, em pequenos papéis. — Escreve à Judy Garland, para a Metro-Goldwyn-Mayer Pictures, Culver City, Califórnia.

1303 — CAVALEIRO DE RAGASTENS (Lamego). — Êste litor gostaria de se corresponder «com uma leitora que viva numa terra onde haja cinema». Formula o pedido, em primeiro lugar, e especialmente a *Ninette*. — *A 8.ª mulher do Barba Azul*, na versão de Lubitsch, tinha Claudette Colberth, no protagonista.

1304—PRINCESA DOS BOSQUES. — O teu pseudónimo, não me parece bem nem mal, antes pelo contrário como dizia o outro... De facto, tens razão: há tantas princesas no correio. Há lá uma das compensações: desaparecem dos tronos e ficam princesas... por correspondência. — Transmiti ao *Ignácio da Purificação* os teus cumprimentos.

1305 — FLOR DOS TRÓPICOS II (Lisboa). — Gostei muito da carta que me escreveste, num papel côr de rosa que reflete bem o optimismo, que as tuas palavras resumem. Fizeste bem em escrever-me. Só tenho receio que a forçada demora da resposta, te haja levado a desistir de a procurar, e que, (quem sabe?!) estas linhas não cheguem ao teu conhecimento. E tenho pena, se assim suceder, por ficares convencida, como receavas «de que te não liguei nenhuma» para me servir da tua própria posse. — A tua carta é extremamente simpática. Gostosamente te atenderei. Vejo, pelo que me contas, que és uma cinéfila entusiasta e que aprecias o cinema, sob os seus aspectos mais artísticos e mais belos. — O teu pseudónimo vai seguido dum II, porque já havia outro igual. Parece-me, pois, conveniente, optares por outro, para evitar confusões.

Bel-Tenebroso